

Reflexões sobre a linguagem inclusiva

Introdução

É cada vez mais frequente receber em nossos consultórios pessoas com sexualidades e identidades de gênero diversas. Pessoas que não se identificam com o sexo que lhes foi atribuído ao nascer e cuja transição é levada a cabo de múltiplas formas. Cada pessoa mostra uma dinâmica singular em sua constituição sexual e de gênero, e assim cada processo deverá ser entendido em sua singularidade.

Enquanto algumas pessoas transgênero se identificam como homens ou como mulheres, outras se consideram não binárias.

As pessoas não binárias não se identificam com o modelo binário da diferença sexual (homem/mulher), nem com as características de gênero associadas a ele (masculino/feminino). Utilizam geralmente pronomes e artigos neutros, e empregam a letra *e* como marcador de gênero.

Vemos que as fronteiras da masculinidade e da feminilidade se apagam, e o binarismo homem/mulher se torna insuficiente, não dando conta das novas identidades. Como propõe Glocer Fiorini (2015), devemos abordar essas mudanças com base em novas lógicas de pensamento, que abarquem a complexidade que observamos.

Embora caiba a nós, psicanalistas, investigar o sentido singular de cada pessoa, vemos também que surge como tema comum a necessidade de reconhecimento.

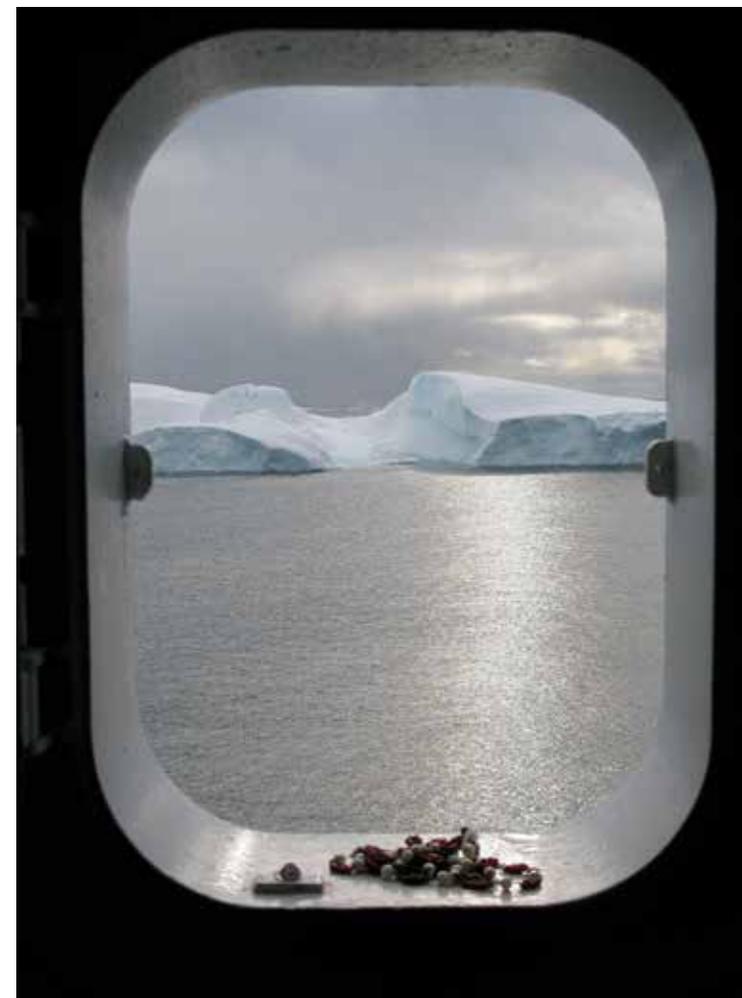
As pessoas trans têm necessidade de ser chamadas pelo nome que escolheram, pelos pronomes com que se identificam, mediante uma linguagem que as inclua.

Linguagem inclusiva

A proposta da linguagem inclusiva é criar um gênero neutro. Os artigos *o* e *a* são substituídos por *ê* – no plural, *es*. Quanto aos pronomes, em vez de *elas* e *eles*, será *elus* ou *iles*. Com relação aos substantivos e adjetivos, muda-se a letra que marca o gênero na terminação das palavras (*menine*, *linde*, *amigue*).

Já ouvi e li que muitos se opõem ao uso da linguagem inclusiva sob o argumento de que “destrói a língua”. Entendo que a principal função da linguagem é expressar nossa

* Sociedad Peruana de Psicoanálisis.



Sophie Calle
North Pole | Pôle Nord (detail), 2009
© Sophie Calle / ADAGP, Paris 2023. Courtesy Perrotin

I buried my mother's portrait and jewels on the shore of the Northern Glacier. We were lucky: had the boat dropped me a few meters south, they would have ended up on Starvation Glacier. My mother always dreamed of going to the North Pole. She died two years ago without fulfilling that dream. Perhaps she wanted to keep it alive. Last year I was invited to the Arctic, and I went for her. To take her there. In my suitcase: her portrait, her Chanel necklace and her diamond ring. During the war my grandfather, who was hiding out in the mountains of Grenoble, was afraid a building he owned in the city would be seized. He swapped it for a diamond ring. Not a good deal.

realidade e as mudanças que acontecem nela. Também sei que a Real Academia Espanhola (RAE) incorpora novidades a seu dicionário de tempos em tempos. Em 2020, por exemplo, incluiu palavras como *emoji*, *cuarentenear*, *finde*¹ e *COVID*. No entanto, acerca da linguagem inclusiva, afirmou ser desnecessária e “dissociada da morfologia do espanhol” (Montero Rose, 2022).

1. N. do T.: forma coloquial para “fim de semana”, também presente em algumas variedades do português brasileiro.

Sobre essa opinião, Santiago Kalinowski (Sarlo & Kalinowski, 2019), que se dedica à lexicografia e à divulgação científica, diz que a linguagem inclusiva não pretende mudar a língua nem ser a gramática: sua pretensão é social e cultural, “é um fenômeno de intervenção no discurso público com o objetivo explícito de avançar em termos de igualdade” (p. 61).

Kalinowski lembra que a língua, como fato humano que é, foi construída e está atravessada pelas dinâmicas do poder. O masculino genérico foi codificado na língua ao longo dos milênios como correlato gramatical de um ordenamento social que é patriarcal.

A realidade muda mediante muitos processos, e um deles é através da língua. A linguagem inclusiva dá boas-vindas às mulheres e às novas identidades. O debate sobre o inclusivo, o gênero e a identidade de gênero se torna público, causa impacto na realidade e obtém avanços em termos de igualdade: “É muito fácil alienar o transexual, considerá-lo uma realidade alheia a si. O inclusivo o tornou algo próprio” (p. 55).

Nessa mesma linha, a Organização das Nações Unidas (ONU) criou um guia definido como “documento vivo que evolui com o tempo” (citada por Grobstein & Sarquis, 2021, par. 4) e promove o uso da linguagem inclusiva.

Já a Associação Psicanalítica Internacional (IPA, 2022) tornou pública sua posição de respeito a todas as identidades sexuais e de gênero, e atualmente está fazendo uma pesquisa entre seus membros para realizar mudanças nas regras da instituição, a fim de eliminar a linguagem de gênero (Prengher, 2022). O objetivo é atualizar as regras “para que elas reflitam o compromisso contínuo da IPA com a não discriminação e a igualdade de gênero” (par. 4).

Linguagem inclusiva no consultório

A linguagem evoluiu e evolui com o tempo. No consultório, com minhas pacientes jovens, aprendo novas palavras, novos conteúdos, assim como suas gírias.

Aprendi com meus filhos e minhas pacientes jovens que é ofensivo deixar alguém “en visto”. Agora eu “twitteo”, “whatsapeo” e “chileo”.² E às vezes, quando minhas pacientes me dizem que “falaram” com alguém, costumo perguntar se “falaram” pessoalmente, por mensagem de texto, WhatsApp ou videochamada (Montero Rose, 2022).

A linguagem muda e se transforma. Por que isso não aconteceria para que todas as pessoas se sintam representadas ou incluídas?

Às vezes, quando converso com algumas de minhas pacientes ou amigas, cometo equívocos. Preciso me concentrar para não errar. Mas elas me ajudam e me explicam: “Olga, não precisa mudar o verbo; só aquelas palavras que terminam em *o* ou *a*”. Não se incomodam se não consigo completamente. Elas valorizam a tentativa.

Por que todos nós não poderíamos fazer essa tentativa?

Minhas pacientes não binárias me ensinam com paciência e desculpam meus erros. Valorizam minha vontade de aprender e o respeito que tenho pelo que elas necessitam.

2. N. do T.: expressões coloquiais usadas em espanhol. *En visto* se refere à situação em que alguém visualiza uma mensagem enviada por aplicativo, mas não responde; *twittear* e *whatsapear* são verbos relacionados ao uso do Twitter e do WhatsApp; e *chilear*, proveniente do inglês *chill*, diz respeito a relaxar, ficar tranquilo.

O reconhecimento do outro é fundamental para instaurar uma convivência saudável.

Por outro lado, considero muito importante que nós, psicanalistas, tenhamos em mente as dificuldades que a escuta de pacientes que usam linguagem inclusiva possa causar em nós.

Compartilho com vocês uma experiência. Minhe paciente me conta que tem um namorado com quem está conversando sobre a possibilidade de, no futuro, ter ou adotar filhos. “É algo em que eu não tinha pensado antes, mas ele me dá segurança, é estável, confiável e divertido. Nunca me senti tão bem com ninguém. Estou muito feliz.” Enquanto escutava, percebi que estava tentando deduzir o gênero atribuído ao nascer para ele namorado de minhe paciente. A cada característica que mencionava delu, eu procurava rastrear se eram qualidades atribuídas a homens ou a mulheres. Eu me dei conta de que estável, confiável e divertido não são qualidades que correspondem a um gênero; são qualidades humanas.

Essa minha necessidade de resolver uma incerteza que me confundia interrompeu minha escuta por um momento e dificultou a conexão com o sentir de minhe paciente.

É importante estar ciente desse tipo de situação que pode acontecer no consultório.

No texto “As resistências à psicanálise” (1925[1924]/1974), Freud diz que o novo requer da vida anímica um dispêndio psíquico que causa desprazer. Afirma ser comum produzir-se uma apreensão que se volta “nitidamente contra o que chega de novo, enquanto poupa o que já é conhecido e acreditado, satisfazendo-se em rejeitar as coisas antes de investigá-las”³ (p. 2801).

A psicanálise abriu caminho apesar das resistências da época de sua criação, e o que nos cabe agora é dar continuidade à lição freudiana de seguir escutando, investigando e aprendendo de cada processo com nossos pacientes.

Referências

- Freud, S. (1974). Las resistencias contra el psicoanálisis. Em S. Freud, *Obras completas* (L. Rosenthal, trad., pp. 2801-2807). Biblioteca Nueva. (Trabalho original publicado em 1925[1924])
- Glocer Fiorini, L. (2015). *La diferencia sexual en debate: cuerpos, deseos y ficciones*. Lugar.
- Grobstein, S. & Sarquis, D. (2021, 14 de abril). Lenguaje inclusivo: ¿destrucción de la lengua o lucha por la igualdad? *The Washington Post*. <https://wapo.st/3HjssZs>
- International Psychoanalytical Association [IPA]. (2022, 26 de abril). IPA position statement on attempts to change sexual orientation, gender identity, or gender expression. *IPA.world*. <https://bit.ly/3J4YOJ2>
- Montero Rose, O. (2022). *La rebelión del género: guía para madres, padres y cuidadores*. Paidós.
- Prengher, A. (2022, 11 de dezembro). Consulta para realizar cambios a las reglas de la API con el fin de eliminar el lenguaje de género. *Fepal.org*. <https://bit.ly/3WuyomO>
- Sarlo, B. & Kalinowski, S. (2019). *La lengua en disputa: un debate sobre el lenguaje inclusivo*. Godot.

Tradução do espanhol: Ricardo Duarte

3. N. do T.: tradução de P. C. Souza. A tradução da citação está nas pp. 253-254 de: Freud, S. (2011). As resistências à psicanálise. Em S. Freud, *Obras completas* (vol. 16, pp. 252-266). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1925[1924])